

PSOL NAS LUTAS CONTRA BOLSONARO E O AJUSTE FISCAL! Tese da CST-PSOL e independentes

Resolução de Conjuntura da CST

Armar o PSOL para convocar as lutas pelo Fora Bolsonaro, contra a reforma administrativa e para construir uma Frente de Esquerda e Socialista

O Congresso Nacional do PSOL ocorre num momento de forte crise sanitária e social. Milhões de desempregados, filas de miseráveis pelo país a procura de osso animal e uma aplicação de uma agenda econômica acelerada de retirada de direitos. Enquanto que a vacinação não dá conta de imunizar toda a população e pandemia segue contaminando e matando o povo trabalhador. É fundamental que o Congresso Nacional arme os milhões de eleitores do partido para a construção efetiva de mobilizações de rua, que o peso da bancada do partido seja utilizado para a fortalecer a luta extra-parlamentar, exigindo que a CUT, CTB e demais centrais construam de fato o dia 2 de outubro *“o dia nacional de luta e paralisações”* que elas mesmas votaram para agosto e até agora não concretizaram. E para a construção da VII plenária de organização das lutas populares visando um novo calendário nacional de luta.

Os protestos do 07 de setembro e a continuidade da luta contra Bolsonaro

O dia 07 de setembro foi marcado por discursos do presidente contra as liberdades democráticas no país. Os atos de São Paulo e Brasília sem dúvidas foram expressivos, apesar de bem menores do que seus organizadores queriam. Esses dois atos contaram com operativos nacionais dos bolsonaristas e uma enxurrada de dinheiro público e também do agronegócio. Dois dias após as manifestações serem menores do que previu, Bolsonaro tenta recompor as relações com o STF e o Congresso Nacional. Em carta articulada por Temer, o chefe do executivo recua, causando inclusive decepções entre seus apoiadores. Apesar de o presidente ter dado um passo atrás, o projeto de ditadura de Bolsonaro e seus apoiadores seguirá vivo.

Junto às manifestações da extrema-direita, há no país uma agenda econômica de duros ataques contra o povo trabalhador. Privatizações, retirada de direitos trabalhistas, salários arrochados, inflação nas alturas. O povo brasileiro amarga uma forte queda no nível de vida, enquanto isso os muito ricos estão cada vez com os bolsos mais cheios. O número de bilionários no Brasil aumentou de 45 para 65 somente na pandemia. São 65 pessoas que detém uma fortuna de 219 bilhões de dólares (valor próximo a um trilhão de reais). Essa agenda contra a classe trabalhadora não é apoiada apenas por Bolsonaro e Paulo Guedes, a grande imprensa que se intitula *“defensora da democracia”* tem apoiado todas as medidas que aprofundam a miséria e a desigualdade social no país, junto aos políticos da direita liberal que vocifera em nome da democracia e vota toda a agenda do governo da extrema-direita no congresso. A baixa adesão aos atos convocados pelo MBL e Vem para Rua, defensores dessa agenda, mostram que para além da saída de Bolsonaro uma parte da população quer também que o projeto de ajuste fiscal caia junto com o governo.

A direção majoritária da campanha Fora Bolsonaro não aposta na ação direta nas ruas

A direção da campanha Fora Bolsonaro, comandada pelo PT, PCdoB, CUT e CTB, desperdiçou a força das ruas expressa nas gigantescas manifestações de maio-julho. Isolou os atos dos estudantes e servidores de 11 e 18 de agosto, boicou o dia 13 dos correios. Fez tudo isso afirmando que construiria *“um grande ato no grito dos excluídos”* mas não passaram das palavras aos fatos. A realidade é que não organizaram assembleias de base e nem construíram efetivamente o 7 de setembro. Puxaram o freio de mão das atividades de rua visando canalizar a indignação para a institucionalidade, nos conchavos parlamentares com velhas raposas da direita Tucana, e tratando de construir as longínquas eleições de 2022. Uma estratégia de colaboração de classes que organiza derrotas econômicas e sociais (privatizações da Eletrobrás, Correios) e

faz avançar setores burgueses (como nas eleições de 2020 onde os campeões foram os tucanos do PSDB, DEM e o Centrão). As direções majoritárias das cúpulas da CUT, CTB e UNE não apostam em colocar o povo na rua pois costuram alianças eleitorais com os patrões e oligarquias capitalistas.

Desse modo, após vários atos em que o movimento de massas e a classe trabalhadora retomaram o protagonismo das ruas, a extrema direita decidiu contra-atacar convocando manifestações com pautas ultrarreacionárias, autoritárias, e um discurso golpista. O pior é que em meio a esses fatos, a cúpula das centrais, os maiores partidos de oposição e os governadores do PT e PCdoB buscavam “diálogo” com Bolsonaro. Não só não jogaram todo seu peso no movimento de massas em favor das manifestações como o PT chegou ao absurdo de votar em Augusto Aras, um bolsonarista na PGR (a instituição que pode blindar a presidência de república). Com a extrema direita defensora de torturadores, que pede o fechamento do congresso e do STF, não há “diálogo” possível. Ou os derrotamos ou eles nos derrotam.

A frente ampla com os patrões não é um projeto favorável para a classe trabalhadora

Lula não utiliza seu prestígio para ajudar a construir os atos de rua, chegou a fazer um pronunciamento no dia anterior ao 7 de setembro, que sequer citava que parte da oposição construía atos pelo país. Freixo no Rio de Janeiro militou contra os atos do dia 7 de setembro e fez postagens nas redes sociais dialogando com as forças de segurança e colocando um símbolo de “baderna” entre os atos do governo e da oposição. Se por um lado os números foram muito aquém do que a extrema direita almejava, o boicote das principais lideranças da oposição deixaram as ruas quase livres para a extrema direita.

Trata-se de um desdobramento da política da frente ampla. Buscar aliados patronais tem implicações na luta de classes. O preço a se pagar é ficar refém dos instrumentos do regime e dos ritmos que os setores burgueses estão dispostos a aplicar. As cúpulas da oposição querem que nós sejamos expectadores das disputas que se resolvem no campo de batalha deles e não nas ruas.

O dia após os atos demonstraram que não há resposta a altura do STF e nem do congresso nacional, representantes dos setores majoritários da burguesia brasileira. E o PSOL tem o dever, como partido de esquerda e socialista, de explicar aos trabalhadores e jovens que realmente nada se pode esperar dessas instituições dos podres poderes da burguesia.

Fortalecer o PSOL na construção dos atos de rua e das greves e por um programa alternativo

Esses episódios demonstram categoricamente a necessidade de construir um pólo social e político capaz de expressar um programa da classe trabalhadora, com saídas de fundo para os graves problemas de fome, desemprego e salário que a ampla maioria da nossa classe está sofrendo.

Do ponto de vista das ruas significa não vacilar e disputar no interior da campanha fora Bolsonaro, no interior das Centrais sindicais, federações, confederações. Disputar no interior da UNE, do movimento de mulheres, negros e negras, ambientais e todos os espaços combatendo a política de colaboração de classes e as ilusões social-democratas que Lula e as maiores lideranças da campanha Fora Bolsonaro estão disseminando. Assim exigir a mais ampla unidade de ação, por jornadas nacionais de protestos do conjunto da classe trabalhadora e dos setores explorados e oprimidos, combinados com paralisações, atrasos e greves nas categorias.

O Congresso Nacional do partido deve ser utilizado para a batalhar por uma nova agenda de fortes passeatas, jogando todo o peso na construção do dia 2 de outubro . Para construir uma nova jornada de protestos pelo Fora Bolsonaro e Mourão, contra a reforma administrativa, contra privatização dos correios, por reajuste de salário, pela redução do preço dos alimentos. Defender abertamente um programa alternativo como o não pagamento da dívida pública e pela taxaço das grandes fortunas para investir em educação saúde, auxílio emergencial e emprego, pela revogaço das reformas aplicadas; contra as privatizaçoes. Pela luta das mulheres contra os feminicídio e pela legalizaço do aborto, contra o genocídio da população negra, pela defesa do meio ambiente contra a açõ das multinacionais e do agronegocio.

Por uma candidatura própria e a construção de uma frente de esquerda e socialista

É impossível construir essas tarefas na luta de classes e defender esse programa se o PSOL segue na linha da conciliaço de classes, apoiando a chapa encabeçado por Lula e setores patronais. Será um erro histórico do PSOL embarcar numa chapa com o Lulismo que busca ser a via de escape de um setor importante da burguesia nacional. Retomando todo o movimento de conciliaço de classe e sem se posicionar sobre os aspectos mais importantes da luta política contra o ajuste fiscal, Lula tenta se consolidar como uma das principais candidaturas do regime político anti-bolsonaro, por dentro da ordem capitalista.

Sobretudo quando Bolsonaro mais se enfraquece eleitoralmente, a esquerda não pode ficar refém da conciliaço de classe. Nesse momento é fundamental que o PSOL tenha candidatura própria a nível nacional. Para essa importante tarefa, já está colocado o nome do companheiro Glauber Braga, mas também devemos buscar nos estados nos postular como uma alternativa aos milhões que não estão com Bolsonaro e desejam uma alternativa que não seja a reciclagem das velhas experiências da conciliaço com partidos patronais. Por isso nós defendemos que o PSOL construa uma frente de esquerda e socialista nacional e em cada estado com UP, PCB, PSTU e outras organizaçoes anticapitalistas.

Sem recuo temos que seguir nas ruas

A continuidade dos atos de rua é fundamental para colocar para fora Bolsonaro e Mourão. O país está em uma situaço crônica com todos os números dos indicadores sociais apontando a catástrofe que está a classe trabalhadora e o povo pobre. Sabemos que a política do governo, da burguesia e dos patrões é seguir atacando os direitos e os salários. Apesar de parte das elites se posicionaram contrários a postura antidemocrática de Bolsonaro, quando a pauta é o ajuste fiscal todos eles se juntam ao lado do governo.

Os servidores em luta contra a reforma administrativa, os povos indígenas ocupando a esplanada contra a aprovaço do marco temporal e os atos do último 7 de setembro do grito dos excluídos foram ações que demonstram que é possível construir mobilizaçoes contra o governo.

Infelizmente a cúpula da CUT e CTB estão na contramão da necessidade de organizar os trabalhadores. Nos 5 atos nacionais em nenhum deles essas centrais construíram o calendário colocando as grandes categorias em movimento. Nem sequer o que foi aprovado no fórum das centrais sindicais de um dia nacional de luta e paralisaçoes no mês de agosto foi cumprido. Já não existe mais justificativa para tanto recuo e paralisia no momento da forte crise do governo Blosnaro e da necessidade de derrotar toda a agenda de ataques contra os trabalhadores.

Esperar passivamente as eleições 2022 abre espaço para o bolsonarismo se fortalecer. Precisamos nos manter nas ruas, nos manifestando, mostrando que a maioria da sociedade está contra o governo e as maiores manifestaçoes estão do nosso lado.

Construir pela base o ato do dia 02 de outubro.

A coordenação nacional da campanha Fora Bolsonaro indicou o dia 02 de outubro como a próxima data de manifestação unificada. Uma data longe considerando a situação do país, a crise política do governo e a agenda de ajuste que está no legislativo federal, mas também estaduais e municipais como os pacotes de fiscais colocados pelos governos estaduais e municipais do Rio de Janeiro. Setembro deveria ser um mês de luta contra Bolsonaro. Os fracos dos atos do MBL e os próprios atos governistas, que não atenderam as perspectivas de público do governo, mostram que a potencialidade das mobilizações estão nos atos mais vinculados à esquerda.

Nesse sentido o próximo ato marcado tem que incorporar a classe trabalhadora e os seus métodos. Tem que ser construído desde já nas categorias via assembleias, atos e paralisações rumo a greve geral. Não tem como aceitar a política das centrais e dos partidos da oposição que ficam tentando fazer ponte com o governo ao invés de enfrentá-lo nas ruas. Não tem como dialogar com um governo que a todo momento faz ameaças golpistas.

O 7º Congresso Nacional do PSOL resolve:

- 1) Ter como eixo as lutas pelo Fora Bolsonaro/Mourão!
- 2) Defende o não pagamento da dívida para garantir dinheiro para saúde e educação públicas, auxílio emergencial e empregos. Pela taxa dos bilionários para investir em educação e saúde. Por vacina para todos já que a imunização da população ainda segue lenta! Pela quebra das patentes das vacinas contra Covid 19!
- 3) Ocupar as ruas contra a reforma administrativa e a privatização dos Correios! Pela revogação de todas as medidas e reformas que atacam e retiram direitos dos e das trabalhadoras
- 4) Pela redução do preço dos alimentos, gás, luz e gasolina.
- 5) Pela luta das mulheres contra a violência doméstica e os feminicídios e pela legalização do aborto.
- 6) Contra o genocídio da população negra e contra a LGBTfobia
- 7) Pela defesa do meio ambiente contra a ação das multinacionais e do agronegócio.
- 8) Em defesa de um governo dos trabalhadores e do povo pobre sem patrões que rompa com o imperialismo rumo a um Brasil socialista sem miséria e exploração. Por uma Frente de Esquerda Socialista que defenda um programa anticapitalista e contra a conciliação de classes.
- 9) Exigir das direções (CUT, CTB, federações sindicais, etc) uma nova jornada nacional de lutas pelo Fora Bolsonaro/Mourão e contra o ajuste fiscal !

23 de setembro de 2021